CONTOS DE SANGUE

Flávio de Souza

CLUBE DE AUTORES 2014

Todos os direitos reservados ao autor.

O conteúdo deste livro não pode ser reproduzido, copiado, gravado ou transmitido em meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos sem a referida citação de autoria.

Capa: Thato Bordin

Diagramação: Flávio de Souza

Revisado pelo autor

De Souza, Flávio

Contos de Sangue – Flávio de Souza – Rio de Janeiro – RJ – 2014.

177 pags

“Dedico a realização desse trabalho a minha família, meus amigos, em especial aos d`A Irmandade, e a todos os que apreciam os meus contos.”

“Sol poente, novamente, despertar e prazer
Delimita sua vida, ou o sangue ou morrer
Caminha nas sombras, sob a luz do luar
Escondido nas lendas, sua sina é matar

Sedução sua arma, força eterna a reinar
Inocente a jovem, que o convida a entrar
Beijos e carícias, como poderia imaginar?
Que ele em mente só tinha sua veia a pulsar

Olhos rubros, dentes saltam
Brancos, afiados e fatais
Rasgam a pele e atacam

Drenando o viço dos mortais
A jovem cai, exangue e fria
Do pescoço, nenhuma gota escorria.”



Nota do autor 11

O Último Desejo de um Condenado 12

A Líder dos Sete Demônios 16

A Maldição do Vampiro 24

A Lenda do Humano 29

A Marca 34

A Mulher Perfeita 45

Conde Kraig 58

Divã 65

Era só o que faltava 70

Invasão de Privacidade 77

Noite Chuvosa 86

O Beijo 90

Os Devaneios de Pâmela 94

Restos e Ratos..... 103

Sedenta 123

Uma Canção para Michelle 130

Vingança 142

Vida Noturna..... 150



Nota do autor

A figura do vampiro faz parte do imaginário popular há alguns séculos. Cercados por uma mística peculiar, esses seres que vagam pela eternidade em busca de sangue humano para sua subsistência são odiados e amados por muitos. Seja na literatura, na televisão, no cinema ou em histórias contadas ao redor de uma fogueira, a verdade é que todos nós já sentimos aquele arrepio na nuca e fomos obrigados a cobrir o pescoço antes de dormir diante da simples citação dessas criaturas nefastas.

Por mais glamorosa que possam parecer as intenções de um vampiro, e ainda que este insista na utilização de uma de suas mais poderosas armas, a sedução, não podemos nos esquecer que ele só tem uma coisa em mente: o líquido que corre nas veias pulsantes!

Aqui, você irá encontrar alguns contos que criei nos últimos anos sobre essas fascinantes personagens. Porém, o advirto, antes de perscrutar essas páginas não se esqueça de alguns acessórios necessários para tal empreitada: alho, crucifixo, água benta e uma boa estaca. Acredite em mim. Você vai precisar!

Um abraço,

Flávio de Souza

O ÚLTIMO DESEJO DE UM CONDENADO

Durante toda a minha vida nunca fui um exemplo a ser seguido. Muitos, dos que vivem como eu, não tiveram a oportunidade de traçar seu próprio destino, mas, este não foi o meu caso. Nunca fui uma vítima das circunstâncias, sempre tive o total controle da minha vida e busquei os motivos que hoje me colocam nesta situação.

Não me arrependo de nada do que fiz, a convicção de meus atos pode não acompanhar a retidão do que a sociedade entende como padrão, mas, apenas atendo a uma necessidade básica que me impulsiona, e eu não posso negar que aprecio muito isso, nada me dá mais prazer do que tomar a vida de alguém, ser o senhor absoluto da vontade alheia, assistir ao último sopro da existência deixar o corpo da minha vítima.

Agora estou aqui, cercado por essas paredes circulares feitas de pedra bruta, as grades que me isolam do mundo mostraram-se totalmente intransponíveis. As celas ao lado estão vazias, ninguém para fazer companhia às últimas horas de um condenado. Não recrimino ninguém por isso, de fato, eu não me considero a pessoa mais indicada para uma conversa social.

Apesar da total escuridão, consigo perceber a silhueta do guarda que me observa de longe, no final do corredor, certamente ele desejaria estar eu outro lugar, com outra pessoa, ocupando sua mente com outros afazeres, sinto sua apreensão mesmo a essa distância.

Chamo por ele, mais de uma vez, é verdade. Sua hesitação tem razão de ser, mas sua função obriga que venha até mim, mesmo não sendo essa a ordem do seu bom senso. Sua fisionomia revela uma pessoa jovem e inexperiente, a mão esquerda no punho da arma indica a insegurança flagrante, mesmo existindo uma barreira de proteção entre nós.

Olho diretamente para ele, fato que o leva a desviar o olhar. Oculto pelas sombras peço-lhe um pouco d'água, uma gentileza para um condenado em seus últimos instantes. Sem dizer uma única palavra o jovem me dá as costas e segue em passos apressados pelo corredor. Em um primeiro momento eu desconfiei que ficaria sem o meu pedido, pois o incômodo do rapaz talvez o impedisse de regressar. No entanto, um lampejo de sorte recaiu sobre mim, provavelmente seria o último de minha existência, o garoto voltava com uma caneca de metal em uma das mãos.

De arma em punho, ele ordena que eu permaneça encostado na parede rochosa, em seguida se agacha após a minha confirmação, lentamente e com a mão trêmula se aproxima da grade para deixar o recipiente.

A partir daí ele não percebeu mais nada, nem mesmo o deslocamento de ar resultante do meu movimento. Seguro o seu braço armado e com a maior facilidade quebro o osso, fazendo-o soltar o revólver e provocando um urro de dor.

Como uma sinfonia composta por um mestre, seus lamentos e gritos percorrem os meus canais auditivos quando puxo seu corpo de encontro às barras de prata da cela. Passo a minha língua áspera sobre a pele de seu pulso, causando-lhe uma sensação de dormência, como fora ingênua a minha vítima, não necessito de água, o líquido vital que o meu corpo clama é outro, o que circula livremente através de suas veias.

Cravo os meus dentes no pulso do jovem com todo o ímpeto que a situação pedia. Sinto o frescor e a força do sangue atravessando as paredes de minha garganta ressequida, percebo a vida do rapaz lentamente deixar seu corpo. Paralelamente, a grade de prata que lacrava o teto da cela é lentamente aberta, permitindo que os

primeiros raios do sol de um novo dia entrem livremente até a minha última morada.

Não largo o braço do guarda, tento sorver os últimos momentos de prazer da última refeição que terei. Uma ardência insuportável atinge as minhas costas, meus gritos ecoam pelo corredor vazio, a luz inunda toda a cela, ao olhar o céu azul, deixei escapar uma lágrima negra, não pela dor lancinante da morte, mas por rever aquele que há muito tempo atrás eu escolhi esquecer. Minhas cinzas se espalham levadas pela brisa da manhã, um preço justo pago pela realização do meu último desejo, contemplar novamente o sol.

A LÍDER DOS SETE DEMÔNIOS

A beleza sempre andou de mãos dadas com a vaidade, um pecado para aqueles que não reconhecem os seus próprios limites. A ânsia pelo poder, tudo a qualquer preço, valores e ética se rendem quando o desejo fala mais alto que a razão. Soldados mudam de lado, altruístas se corrompem e a morte não passa de uma palavra correspondente a um ato.

O machado de um dos demônios riscou o ar dividindo a rocha bruta em dois, seus irmãos empurravam as pedras a fim de selar a entrada da gruta, a mesma onde exerciam seu trabalho, empilhar os corpos dos incautos viajantes que cruzavam aquela trilha incrustada no coração da mata a fim de realizar os hediondos festins em homenagem ao responsável pela existência de sua líder, aquela por quem doariam o seu sangue negro e maldito de bom grado. Eles buscavam impedir que as forças opressoras da mulher que havia tentado contra a vida de sua mestra entrassem na fortaleza de pedra e finalizassem o serviço.

A inimiga era cruel e não descansaria até por um fim na vida da jovem e desacordada líder do grupo dos pequenos seres das trevas. Ela

almejava livrar seus domínios do reinado de danação e horror proporcionado pela garota. Investira anteriormente de diversas maneiras, até mesmo enviando o mais valoroso de seus guerreiros na missão definitiva de trazê-la aos seus pés, ou mesmo, apenas o coração negro transpassado pelo fio de uma lâmina virgem.

Mas o soldado não se mostrara digno de tal atribuição, pois caíra perante a arma mais poderosa da menina: a sedução. Receoso do castigo que o esperaria, suas mãos carregaram para a construção de pedra o símbolo da vida de uma inocente, mas nada escapava aos olhos vigilantes da soberana. Conhecida pelo temperamento intempestivo, a monarca obrigou o serviçal a devorar o músculo ensangüentado que antes pulsava forte no coração de uma súdita, sob os olhares temerosos da corte, ela bradava a plenos pulmões que a mão que abatia a caça levaria a carne à boca, não haveria desperdício em seus domínios. Ainda sob o mesmo lema, ordenou que o homem tivesse o corpo despedaçado e que servisse de alimento aos animais do reino.

Não se sabe ao certo se era a busca incessante pela justiça implacável ou apenas as feridas causadas pelo mais vil e mesquinho dos sentimentos, o que movia a soberana. A razão de sua vida a cegava, e em certas ocasiões blindava a